

PERCEPÇÃO DOS CUIDADORES ACERCA DAS DIFICULDADES COMUNICATIVAS EM CRIANÇAS COM QUEIXAS DE LINGUAGEM

CAREGIVERS' PERCEPTION OF COMMUNICATION DIFFICULTIES IN CHILDREN WITH LANGUAGE COMPLAINTS

PERCEPCIÓN DE LOS CUIDADORES SOBRE LAS DIFICULTADES COMUNICATIVAS EN NIÑOS CON QUEJAS DEL LENGUAJE

Taynara Paulino Ribeiro
Hertha Maria Tavares de Albuquerque Coutinho

RESUMO

Introdução: Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento infantil, especialmente da linguagem. A forma como os cuidadores interagem com a criança, por meio de práticas orientadas pela educação parental, influencia diretamente esse processo. Diante disso, torna-se essencial reconhecer o papel da família como base para um ambiente acolhedor e estimulante, favorecendo o desenvolvimento comunicativo infantil. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo analisar como os cuidadores lidam com as dificuldades comunicativas em crianças com queixas de linguagem. **Método:** Participaram do estudo 22 pais/cuidadores de crianças de 0 a 6 anos atendidas no projeto de extensão SETOL da Universidade Federal da Paraíba. Foi aplicado um questionário (adaptado), a fim de analisar como ocorre a mediação linguística entre eles e as crianças que apresentam queixas de linguagem. **Resultados:** Os cuidadores apontaram dificuldades em interações cotidianas com as crianças, especialmente ao compreender o que elas desejam comunicar. Também expressaram dúvidas sobre como agir em situações de falha comunicativa e interesse em receber orientações. **Discussão:** Com base nas respostas obtidas por meio do questionário, observou-se que muitos cuidadores reconhecem desafios no processo de comunicação com seus filhos, especialmente em situações que exigem escuta ativa, paciência e mediação das interações verbais e não verbais. **Conclusão:** Os dados reforçam a importância de oferecer orientação aos cuidadores por meio da educação parental, contribuindo para um ambiente familiar mais acolhedor e propício ao desenvolvimento da linguagem. **Palavras-chaves:** desenvolvimento infantil, educação parental, cuidadores, interação social.

ABSTRACT

Introduction: The first years of life are fundamental for child development, especially language. The way caregivers interact with the child, through practices guided by parental education, directly influences this process. Given this, it becomes essential to recognize the role of the family as the basis for a welcoming and stimulating environment, favoring child communicative development. **Objective:** This study aims to analyze family behaviors in the face of children's linguistic performance in children with language complaints. **Method:** 22 parents/caregivers of children aged 0 to 6 years attended in the SETOL extension project of the Federal University of Paraíba participated in the study. An adapted questionnaire was applied in order to analyze how linguistic mediation occurs between them and children who have language complaints. **Results:** Caregivers pointed out difficulties in everyday interactions with children, especially when understanding what they want to communicate. They also expressed doubts about how to act in situations of communicative failure and interest in receiving guidance. **Discussion:** Based on the

answers obtained through the questionnaire, it was observed that many caregivers recognize challenges in the communication process with their children, especially in situations that require active listening, patience and mediation of verbal and non-verbal interactions. **Conclusion:** The data reinforce the importance of offering guidance to caregivers through parental education, contributing to a more welcoming family environment and conducive to language development.

Keywords: child development, parental education, caregivers, social interaction.

RESUMEN

Introducción: Los primeros años de vida son fundamentales para el desarrollo infantil, especialmente del lenguaje. La forma en que los cuidadores interactúan con el niño, a través de prácticas orientadas por la educación parental, influye directamente en este proceso. Ante esto, es esencial reconocer el papel de la familia como base para un ambiente acogedor y estimulante, favoreciendo el desarrollo comunicativo infantil.

Objetivo: Este estudio tiene como objetivo analizar las conductas familiares frente al rendimiento lingüístico infantil en niños con quejas del lenguaje.

Método: Participaron en el estudio 22 padres/cuidadores de niños de 0 a 6 años atendidos en el proyecto de extensión SETOL de la Universidad Federal de Paraíba. Se aplicó un cuestionario adaptado para analizar cómo se produce la mediación lingüística entre ellos y los niños que presentan quejas del lenguaje.

Resultados: Los cuidadores señalaron dificultades en las interacciones cotidianas con los niños, especialmente al comprender lo que desean comunicar. También expresaron dudas sobre cómo actuar en situaciones de falla comunicativa e interés en recibir orientación.

Discusión: Con base en las respuestas obtenidas a través del cuestionario, se observó que muchos cuidadores reconocen desafíos en el proceso de comunicación con sus hijos, especialmente en situaciones que requieren escucha activa, paciencia y mediación de las interacciones verbales y no verbales.

Conclusión: Los datos refuerzan la importancia de ofrecer orientación a los cuidadores a través de la educación parental, contribuyendo a un entorno familiar más acogedor y propicio para el desarrollo del lenguaje.

Palabras clave: desarrollo infantil, educación parental, cuidadores, interacción social.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida são uma fase essencial para o crescimento da criança, pois é nesse período que surgem muitas habilidades fundamentais importantes para seu desenvolvimento. Cada criança vivencia esse processo de maneira única, influenciada tanto pelo ritmo natural de maturação quanto pela forma como é estimulada em seu dia a dia. Entre os fatores que mais impactam esse desenvolvimento estão o ambiente familiar e o social, pois podem acelerar ou dificultar a aquisição de novas competências. Nesse cenário, o cuidador tem um papel essencial, já que sua presença, atenção e estímulos são determinantes, juntamente com o progresso das funções cognitivas e neuropsicológicas que sustentam esse processo¹.

Estudos sobre a influência positiva do ambiente familiar na estimulação de habilidades infantis revelam a importância de diversas experiências. Entre elas, destacam-se a forma de interação familiar, incluindo a maneira como os pais reagem quando a criança expressa seus sentimentos, bem como a consistência na manutenção das regras. Além disso, vivências como passeios a locais culturais, como teatros e museus, e viagens em família também contribuem para o enriquecimento do repertório sociocultural da criança. O acesso a brinquedos que estimulam habilidades, como instrumentos musicais, é igualmente relevante. Todos esses fatores, de maneira integrada, favorecem o desenvolvimento do repertório linguístico infantil².

Para além da presença afetiva e da qualidade das interações estabelecidas no ambiente familiar, a forma como os cuidadores são instruídos a acompanhar o desenvolvimento infantil exerce influência direta na maneira como percebem e enfrentam eventuais dificuldades comunicativas. A educação parental configura-se como um recurso importante nesse processo, ao reunir orientações e práticas que auxiliam pais e responsáveis na criação de um ambiente mais estruturado, sensível e propício ao aprendizado. Quando bem implementada, essa abordagem contribui para que os cuidadores se sintam mais preparados para identificar sinais de atraso no desenvolvimento, compreender o papel dos estímulos adequados e adotar condutas que favoreçam o progresso comunicativo da criança³.

Considerando que nos primeiros anos de vida o cérebro humano encontra-se em um estágio intenso de plasticidade, é altamente influenciado pelas experiências vividas no ambiente, especialmente no contexto familiar. A convivência nesse ambiente exerce um papel crucial no fortalecimento das conexões neurais responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem, sendo fortemente influenciado por diálogos e estímulos verbais⁴.

Ambientes com maior sensação de segurança e afeto proporcionam à criança uma base emocional essencial para o seu desenvolvimento saudável. Em contrapartida, ambientes estressantes podem prejudicar a concentração e o bem-estar, aspectos cruciais nos primeiros anos de vida. A falta de apoio e tranquilidade pode favorecer o surgimento de problemas como ansiedade, agressividade e dificuldades para dormir, comprometendo, assim, a qualidade de vida da criança⁵.

Dessa maneira, o desenvolvimento da linguagem é, então, influenciado por diversos fatores ao longo do tempo, incluindo aspectos cognitivos e biológicos que exercem um papel determinante nesse processo. Nesse contexto, o ambiente em que o indivíduo está inserido desde o nascimento exerce influência direta sobre o seu desenvolvimento linguístico. Desde o nascimento, a criança é exposta ao ambiente familiar, onde, por meio da convivência com pais e familiares, vivenciam diversas experiências que moldam e enriquecem seu processo de aquisição da linguagem⁶.

O meio familiar, portanto, desempenha um papel essencial no desenvolvimento da linguagem infantil, atuando como o primeiro ambiente social e afetivo da criança. Desde os primeiros momentos de vida, o bebê é exposto a estímulos auditivos e visuais, como as vozes dos pais e familiares, os quais contribuem para moldar suas habilidades de percepção e produção de sons. Ademais, a interação diária com os familiares oferece oportunidades para a criança aprender a estrutura das suas primeiras palavras e frases, além de ser exposta a expressões e gestos que influenciam sua comunicação⁷.

Dessa maneira, é importante que os pais que mantêm seus filhos em terapias de estimulação da linguagem compreendam o papel fundamental do ambiente familiar nesse processo. A criança passa a maior parte do tempo com sua família fora do ambiente clínico e, caso a estimulação ocorra apenas no consultório, o avanço no desenvolvimento linguístico pode ser limitado. Essa compreensão torna-se ainda mais relevante no caso de crianças que apresentam alterações ou transtornos de linguagem, exigindo maior apoio familiar para que possam evoluir de forma consistente e alcançar melhores resultados com a terapia⁸.

Considerando a importância da linguagem para o desenvolvimento integral da criança, identificar precocemente sinais de dificuldade comunicativa é fundamental para garantir intervenções oportunas e eficazes. Quando o acompanhamento especializado é iniciado nos primeiros anos de vida e conta com a participação ativa da família, os avanços tendem a ser mais consistentes. A fonoaudiologia, nesse contexto, tem papel essencial, não apenas na estimulação direta da criança, mas também na orientação dos cuidadores, que passam a compreender melhor como contribuir no dia a dia com práticas que favoreçam a comunicação. Quanto mais cedo esse apoio é oferecido, maiores são as

chances de reduzir atrasos e promover uma trajetória mais positiva no processo de aprendizagem e de interação social⁹.

Dessa forma, investigar a percepção dos cuidadores sobre as dificuldades comunicativas das crianças é fundamental para compreender como essas dificuldades são reconhecidas, enfrentadas e acompanhadas no cotidiano familiar. A partir dessa percepção, é possível refletir sobre a importância da orientação fonoaudiológica e da construção de vínculos entre família e criança, a fim de promover um ambiente mais favorável ao desenvolvimento linguístico infantil. Considerando esses aspectos, este estudo propõe-se a analisar as dificuldades comunicativas percebidas pelos cuidadores em relação às suas crianças, buscando compreender a influência desse contexto comunicativo no processo de desenvolvimento.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer n.º 7.453.756 e CAAE: 85305824.7.0000.5188. Os responsáveis legais pelas crianças participantes receberam informações sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A amostra foi composta por 22 cuidadores de crianças com idades de 0 até 6 anos, de ambos os sexos, com queixas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem. Os participantes responderam a um questionário devidamente adaptado, contendo perguntas relacionadas ao perfil da criança, diagnóstico fonoaudiológico e percepções sobre o desenvolvimento comunicativo no ambiente familiar.

Os cuidadores responderam ao questionário por meio da plataforma *Google Forms*, com a devida explicação sobre o objetivo da pesquisa e a solicitação de participação voluntária. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado para que houvesse concordância dos participantes antes de iniciar o preenchimento do instrumento.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário adaptado do original intitulado “Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo”¹⁰. A versão original continha 24 questões e foi desenvolvida com o propósito de avaliar a percepção dos cuidadores quanto às dificuldades de interação e comunicação. Para este estudo, o instrumento foi adaptado para abranger especificamente a realidade dos participantes do projeto, resultando em um questionário composto por 18 questões, sendo 12 de natureza objetiva, com alternativas que avaliavam o grau de concordância dos cuidadores em relação às afirmações apresentadas.

Os dados obtidos por meio do questionário foram inicialmente organizados em uma planilha do Excel e, posteriormente, analisados com o auxílio do *Software IBM SPSS Statistics* versão 22. Foi realizada uma análise estatística descritiva por meio de porcentagens, permitindo a observação da frequência das respostas obtidas em cada item do questionário. A amostra foi selecionada por conveniência, composta por cuidadores de crianças com queixas de linguagem, os quais responderam ao instrumento de forma voluntária. Essa abordagem buscou oferecer uma descrição clara e objetiva das percepções dos cuidadores, considerando os domínios propostos pelo questionário.

As respostas objetivas foram estruturadas em uma escala do tipo *Likert*, com as seguintes categorias: “concordo plenamente (CC)”, que indica concordância dominante; “concordo (C)”, quando há concordância moderada; “discordo (D)”, que representa discordância moderada; e “discordo completamente (DC)”, quando há uma rejeição total à afirmativa. Além das perguntas fechadas, o questionário incluía espaços para preenchimento quanto à idade, gênero, queixa de linguagem e diagnóstico, além de grau de parentesco do cuidador, permitindo uma caracterização básica dos dados relacionados

à pesquisa. Participaram inicialmente do estudo 24 pais/cuidadores, contudo, apenas 22 respostas foram consideradas válidas para a análise dos dados, por atenderem aos critérios de inclusão definidos na pesquisa. As duas exclusões ocorreram em razão da duplicidade de informações referentes ao mesmo paciente, enviada repetidamente pelo mesmo cuidador, e outra por conter dados de uma criança com idade superior ao limite definido para a amostra (09 anos), caracterizando-se, portanto, fora dos critérios estipulados para participação.

Resultados

Participaram deste estudo 22 cuidadores de crianças com idade de 0 até 6 anos. A média de idade foi de 4,5 anos (DP = 1,102), com predominância do sexo masculino (77,3%; n = 17) em relação ao feminino (22,7%; n = 5).

Quanto às queixas de linguagem apresentadas pelas crianças, 36,4% dos cuidadores relataram transtorno de linguagem (n = 8), seguidos por 31,8% com queixa de atraso de linguagem (n = 7), 22,7% com atraso na fala (n = 5) e 9,1% com dificuldade na fala (n = 2). No que se refere ao diagnóstico clínico mais da metade das crianças participantes, com 59,1% (n=13), possuíam laudo diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), e 40,9% (n = 9) não apresentavam diagnóstico definido.

Em relação ao grau de parentesco do cuidador, a maioria dos respondentes era composta por mães (81,8%; n = 18), o que reforça o papel materno como figura principal nos cuidados e acompanhamentos infantis.

Tabela 1- Percepção dos cuidadores frente às dificuldades comunicativas apresentadas pelas crianças.

Afirmação	Concordo (%)	Concordo plenamente (%)	Discordo (%)	Discordo completamente (%)
Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu(minha) filho(a).	45.5%	18.2%	22.7%	13.6%
Eu tenho a impressão de que as pessoas não entendem o que meu(minha) filho(a) deseja comunicar.	45.5%	22.7%	27.3%	4.5%
Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu(minha) filho(a) quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.	45.5%	13.6%	13.6%	27.3%
Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu(minha) filho(a) quando estamos somente nós dois.	27.3%	9.1%	36.4%	27.3%

Eu tenho dificuldade em brincar com meu(minha) filho(a).	22.7%	9.1%	36.4%	31.8%
Eu tenho dificuldade em olhar para meu(minha) filho(a) enquanto ele(a) tenta se comunicar.	4.5%	0.0%	54.5%	40.9%
Eu tenho dificuldade em esperar ele(a) tentar se comunicar.	27.3%	0.0%	45.5%	27.3%
Eu tenho dificuldade em entender o que meu(minha) filho(a) quer expressar.	40.9%	9.1%	27.3%	22.7%
Eu sempre converso com meu(minha) filho(a) mesmo que ele(a) não converse comigo.	40.9%	54.5%	0.0%	22.7%
Eu não sei como agir quando meu(minha) filho(a) não me entende ou quando eu não o(a) entendo.	36.4%	18.2%	22.7%	22.7%
Eu fico chateado(a) quando meu(minha) filho(a) não inicia a comunicação.	27.3%	4.5%	45.5%	22.7%
Eu gostaria de ter mais informações sobre como me comunicar com meu(minha) filho(a).	50.0%	45.5%	0.0%	4.5%

Em relação à percepção dos cuidadores frente às dificuldades comunicativas, 63,7% afirmaram ter dificuldade em se comunicar com seus filhos, sendo 45,5% que concordaram, 18,2% que concordaram plenamente, 22,7% que discordaram e 13,6% que discordaram completamente com essa afirmação. Esse dado sugere uma percepção recorrente de barreiras na interação verbal entre criança e cuidador, especialmente em contextos do dia a dia. Além disso, 68,2% dos participantes relataram que acreditam que outras pessoas também não compreendem o que a criança deseja comunicar, sendo 45,5% que concordaram, 22,7% que concordaram plenamente, 27,3% que discordaram e 4,5% que discordaram completamente, indicando que a dificuldade comunicativa é percebida não apenas no ambiente familiar, mas também em espaços sociais mais amplos.

Quando analisadas situações de interação, 36,4% dos cuidadores relataram dificuldade em se comunicar quando estão a sós com a criança, sendo 27,3% que concordaram, 9,1% que concordaram plenamente, 36,4% que discordaram e 27,3% que discordaram completamente. Já

em ambientes com outras pessoas, 59,1% relataram dificuldade na comunicação, sendo 45,5% que concordaram, 13,6% que concordaram plenamente, 13,6% que discordaram e 27,3% que discordaram completamente. Esses dados podem sugerir que a presença de estímulos externos ou o ambiente social mais complexo interfere na capacidade de manter uma comunicação eficaz.

Em relação ao brincar, 31,8% dos cuidadores afirmaram ter dificuldades, sendo 22,7% que concordaram, 9,1% que concordaram plenamente, 36,4% que discordaram e 31,8% que discordaram completamente, o que pode impactar negativamente o desenvolvimento simbólico e a linguagem, visto que a brincadeira é uma importante ferramenta de estimulação. Apesar das dificuldades apontadas, 95,4% dos participantes disseram não apresentar dificuldade para olhar para seus filhos, com 4,5% que concordaram, 0% que concordaram plenamente, 54,5% que discordaram e 40,9% que discordaram completamente, sugerindo a preservação do vínculo visual, fundamental nas interações comunicativas iniciais.

Ainda assim, 27,3% relataram ter dificuldade em esperar que a criança tente se comunicar, sendo 27,3% que concordaram, 0% que concordaram plenamente, 45,5% que discordaram e 27,3% que discordaram completamente, evidenciando que o ritmo da criança nem sempre é respeitado, o que pode afetar seu engajamento comunicativo.

Metade dos cuidadores relatou dificuldade em entender o que a criança quer expressar, sendo 40,9% que concordaram, 9,1% que concordaram plenamente, 27,3% que discordaram e 22,7% que discordaram completamente, o que revela limitações na interpretação dos sinais comunicativos.

De forma positiva, 95,4% dos participantes afirmaram manter conversas com os filhos mesmo quando não há resposta, sendo 40,9% que concordaram, 54,5% que concordaram plenamente, 0% que discordaram e 4,5% que discordaram completamente, demonstrando envolvimento afetivo e persistência no estímulo da linguagem. Por outro lado, 54,6% afirmaram não saber como agir quando há falhas na comunicação, com 36,4% que concordaram, 18,2% que concordaram plenamente, 22,7% que discordaram e 22,7% que discordaram completamente.

Além disso, 31,8% relataram sentimentos de frustração ao perceberem que a criança não inicia interações, sendo 27,3% que concordaram, 4,5% que concordaram plenamente, 45,5% que discordaram e 22,7% que discordaram completamente, o que reforça a necessidade de orientação profissional. Por fim, 95,5% dos cuidadores manifestaram interesse em aprender mais sobre como se comunicar com seus filhos, sendo 50% que concordaram, 45,5% que concordaram plenamente, 0% que discordaram e 4,5% que discordaram completamente, sinalizando abertura para apoio terapêutico e reconhecimento do seu papel no desenvolvimento da linguagem infantil.

DISCUSSÕES

A partir dos resultados encontrados, observou-se que muitos cuidadores reconhecem desafios no processo de comunicação com seus filhos, especialmente em situações que exigem escuta ativa, paciência e mediação das interações verbais e não verbais.

Mais da metade dos participantes relatou ter dificuldades em se comunicar com seus filhos (63,7%), o que evidencia que, mesmo no contexto familiar, onde se espera um ambiente de maior conforto e vínculo afetivo, existem barreiras que comprometem a fluidez da troca comunicativa. Esse dado vai ao encontro de estudos que apontam que as dificuldades de linguagem da criança frequentemente impactam a qualidade das interações familiares, gerando frustração, silêncio ou excesso de direcionamento unilateral nas conversas¹⁰.

Além disso, 68,2% dos cuidadores expressaram que percebem que outras pessoas não compreendem o que a criança deseja comunicar. Esse tipo de percepção pode intensificar a preocupação dos pais quanto à integração social da criança e reforça o papel central da família como mediadora das relações com o meio externo. Estudos indicam que a dificuldade de terceiros em compreender os sinais comunicativos das crianças pode gerar nos cuidadores sentimentos de frustração, insegurança e isolamento, aumentando o desgaste emocional das famílias¹⁰. Também foi observado que os cuidadores relataram mais dificuldades em se comunicar com seus filhos quando há

outras pessoas presentes no ambiente (59,1%), o que pode sugerir que fatores contextuais e emocionais, como ansiedade, sobrecarga ou julgamentos externos, influenciam a condução das interações. Nesse sentido, pesquisas apontam que o acúmulo de responsabilidades e a percepção de incompreensão por parte da sociedade contribuem para o aumento da sobrecarga parental, afetando diretamente a qualidade da comunicação e do vínculo entre cuidador e criança¹¹.

A dificuldade de brincar com a criança, mencionada por 31,8% dos cuidadores, está fortemente ligada à relevância da brincadeira no desenvolvimento da linguagem¹². A brincadeira não apenas facilita a expressão verbal e não verbal, mas também promove o vínculo afetivo entre a criança e o cuidador. Quando há limitações nesse aspecto, as oportunidades de estimulação da linguagem são reduzidas, impactando negativamente o desenvolvimento comunicativo. Além disso, 27,3% dos cuidadores relataram dificuldades em esperar que a criança tente se comunicar, o que pode interferir nas tentativas da criança de buscar formas próprias de expressão. Essa impaciência dos cuidadores em esperar pela resposta da criança reflete uma falha em compreender o tempo necessário para o desenvolvimento linguístico¹². Essa falta de paciência pode, portanto, limitar o potencial de aprendizado da criança, prejudicando sua capacidade de se comunicar de maneira eficaz e autônoma.

Este estudo permitiu compreender como os cuidadores lidam com as dificuldades comunicativas em crianças com queixas de linguagem. As respostas revelaram que os desafios mais recorrentes estão ligados à compreensão e à expressão verbal, além de dificuldades na interação e manutenção de turnos conversacionais. Essa percepção demonstra que, embora os cuidadores consigam identificar sinais de comprometimento na comunicação, muitas vezes não dispõem de recursos ou informações suficientes para lidar com essas situações no cotidiano. Estudos anteriores reforçam que a ausência de estratégias adequadas pode comprometer a qualidade das interações comunicativas¹³ e o estímulo necessário ao desenvolvimento da linguagem, sobretudo nos primeiros anos de vida¹⁴.

Foi possível observar, ainda, que as estratégias adotadas pelos cuidadores diante de falhas comunicativas variam entre repetir o que a criança disse, reformular a frase, observar os gestos e tentar interpretar o que a criança quer dizer, indicando uma tentativa ativa de manter a interação. No entanto, sentimentos como insegurança, frustração e dúvida em relação ao modo correto de agir foram frequentes, especialmente entre aqueles que relataram maior dificuldade em compreender as mensagens das crianças. Esses aspectos ressaltam a importância de oferecer suporte contínuo às famílias, tanto emocional quanto prático, visando uma comunicação mais eficaz. Nesse sentido, o estudo destaca que o estresse e a sobrecarga emocional enfrentados pelos cuidadores podem intensificar esses sentimentos¹⁵, o que reforça a necessidade de apoio especializado para fortalecer a comunicação entre cuidadores e crianças.

Outro ponto importante diz respeito ao interesse demonstrado pelos cuidadores por orientações que os ajudem a se comunicar melhor com seus filhos. A valorização de estratégias simples e aplicáveis no contexto familiar, como olhar nos olhos, falar com calma e dar tempo de resposta, mostra abertura para o aprendizado e para o fortalecimento do vínculo comunicativo. Estudos mostram que essas práticas favorecem não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também o equilíbrio emocional da criança, promovendo maior segurança nas interações cotidianas¹⁶. Além disso, ações baseadas em escuta ativa, comunicação positiva e validação emocional fortalecem o vínculo entre pais e filhos e contribuem para relações familiares mais empáticas e acolhedoras¹⁷. Isso se conecta diretamente com os princípios da educação parental, que visa capacitar os responsáveis a compreender e responder adequadamente às necessidades das crianças, favorecendo seu desenvolvimento.

É considerável o fato de que 54,6% dos cuidadores relataram não saber como agir diante de situações em que não compreendem ou não são compreendidos pela criança, o que reforça a importância de orientações práticas e acessíveis, especialmente por parte do fonoaudiólogo. Essa necessidade também foi observada em um estudo que destacou como a atuação fonoaudiológica deve priorizar ações educativas junto às famílias, promovendo interações mais funcionais e saudáveis no cotidiano da criança¹⁰. Além disso, 31,8% afirmaram sentir-se chateados ao perceber que a criança não inicia a comunicação, evidenciando que as dificuldades comunicativas impactam não só o comportamento da criança, mas também o bem-estar emocional do cuidador. Esse impacto emocional, segundo apontado em estudos, pode estar relacionado à sobrecarga enfrentada por cuidadores diante da ausência de estratégias eficazes para lidar com essas situações¹⁸.

Considerar a educação parental como uma aliada no desenvolvimento da linguagem permite ampliar a compreensão sobre a relevância do papel dos cuidadores no acompanhamento das dificuldades comunicativas infantis. As orientações adquiridas por meio de ações educativas contribuem para transformar atitudes do cotidiano, reduzindo condutas comunicativas inadequadas e promovendo interações mais intencionais e positivas. Programas de educação parental, como os descritos na literatura, têm demonstrado eficácia em capacitar os responsáveis para compreender e lidar com os desafios comunicativos, promovendo ambientes mais responsivos e favorecendo o desenvolvimento infantil de forma integral³. Além disso, esse tipo de preparo favorece o envolvimento da família em processos de estimulação e cuidado, fortalecendo os vínculos afetivos e estimulando a autonomia da criança diante dos desafios que envolvem a linguagem.

Dessa forma, a parentalidade positiva tem se mostrado um fator fundamental no apoio ao desenvolvimento da linguagem infantil, especialmente quando associada a programas de orientação familiar. O estudo destaca que, ao receberem informações claras e acessíveis sobre como se comunicar com seus filhos, os cuidadores tendem a desenvolver maior autoconfiança, adotando práticas mais sensíveis e ajustadas às necessidades comunicativas das crianças. Essa mudança na postura parental amplia as possibilidades de interação, favorece a escuta ativa e fortalece o vínculo afetivo, criando um ambiente propício ao aprendizado da linguagem. Além disso, a valorização das pequenas conquistas da criança, incentivada por esse modelo de orientação, contribui para o desenvolvimento emocional e comunicativo da díade cuidador-criança¹⁹.

Ademais, a atuação do fonoaudiólogo é essencial no processo de intervenção junto às famílias, especialmente quando se considera a complexidade envolvida nas dificuldades comunicativas infantis. Esse profissional não apenas identifica e trata alterações na linguagem, mas também exerce um papel educativo, orientando os cuidadores sobre estratégias eficazes de comunicação e promoção do desenvolvimento infantil. A inclusão da família no processo terapêutico tem se mostrado eficaz na potencialização dos resultados, uma vez que favorece a continuidade das estratégias no ambiente domiciliar, fortalece o vínculo entre cuidador e criança e reduz a ansiedade frente às dificuldades do dia a dia. Além disso, o apoio fonoaudiológico contribui para tornar os cuidadores mais autoconfiantes, sensíveis e responsivos às necessidades linguísticas da criança²⁰.

Esses achados reforçam que a atuação fonoaudiológica voltada para a orientação familiar representa um recurso valioso no manejo das dificuldades comunicativas. Mais do que intervir diretamente com a criança, o fonoaudiólogo passa a ocupar um papel formador, promovendo mudanças no ambiente e nas atitudes dos cuidadores frente à comunicação. Essa abordagem fortalece a parceria entre profissional e família, incentivando práticas mais intencionais e responsivas no cotidiano da criança. Além disso, quando a estimulação da linguagem é inserida no contexto familiar, há maior chance de

generalização das habilidades comunicativas e de continuidade do desenvolvimento fora do setting clínico, conforme apontado por estudos que destacam a importância da escuta ativa, do reforço positivo e do uso de estratégias acessíveis no dia a dia³¹⁸.

CONCLUSÃO

Com este estudo evidencia-se que o ambiente familiar desempenha papel fundamental no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, especialmente nos primeiros anos de vida. Quando os cuidadores envolvem-se ativamente e são orientados quanto às melhores práticas comunicativas, há maior chance de progresso e de generalização das habilidades adquiridas no decorrer do desenvolvimento da criança. A atuação fonoaudiológica, nesse contexto, assume uma função ampliada, que vai além do atendimento direto à criança, envolvendo também ações educativas com os cuidadores, alinhadas aos objetivos da intervenção.

Dessa forma, os achados desta pesquisa contribuem para ampliar a compreensão sobre o papel da família na comunicação infantil, ressaltando a importância de se considerar a percepção dos cuidadores no planejamento terapêutico. Estratégias que envolvam escuta, acolhimento e orientação devem ser incentivadas, promovendo um ambiente mais responsivo e sensível às necessidades das crianças com queixas de linguagem. A integração entre profissionais e famílias, pautada no respeito e na cooperação, é essencial para que o desenvolvimento comunicativo ocorra de maneira mais fluida, significativa e duradoura.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho AJA, Lemos SMA, Goulart LMHF. Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS*. 2016;28(4):470–9.
2. Dias NM, Mecca TP, Júlio-Costa A, Lopes-Silva JB, Martins MR, Pinheiro-Chagas P, et al. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil: relação com variáveis ambientais. *Psicol Esc Educ*. 2019;23(0).
3. Weber L, Prado LS, Vedoato CC. Educação parental no contexto do desenvolvimento infantil: uma revisão sistemática da literatura. *Estud Psicol (Campinas)*. 2020;37:e180102. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/T4ZgZ7dB9qZhqzdYNSNLYPz>. Acesso em: 08 abr. 2025.
4. Costa RLS. Neurociência e aprendizagem. *Rev Bras Educ*. 2023;28:e280010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3szkJcQ7gLkP9KrCgSnp9NY>. Acesso em: 02 abr. 2025.
5. Freitas PM, Oliveira MLR, Souza LDA, Gomes NS, Ferreira RML. Influência das relações familiares na saúde e no estado emocional dos adolescentes. *Rev Psicol Saúde*. 2020;12(4):95–109. Disponível em: <https://psicologiaesaude.ifsp.edu.br/index.php/psicologiaesaude/article/view/520>. Acesso em: 18 mar. 2025.
6. Scopel RR, Souza VC, Lemos SMA. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. *Rev CEFAC*. 2012;14(4):732–41. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/wHmq8Jzf8YXcfh5G3VnSP5q>. Acesso em: 06 mar. 2025.
7. Tabaquim MLM, Misael JR, Alves DC, Lamônica DAC. Avaliação do desenvolvimento cognitivo e afetivo-social de crianças com perda auditiva. *Rev CEFAC*. 2013;15(6):1475–81. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/tFqKLbY6z5KL5FxbgB8TsCmK>. Acesso em: 27 mar. 2025.
8. Fernandes FD, Souto MCR. Estimulação da linguagem no contexto familiar: contribuições para a intervenção fonoaudiológica. *Cad Fonoaudiol*. 2021;6(2):25–34. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernosdefonoaudiologia/article/view/27654>. Acesso em: 06 abr. 2025.
9. Andrade CR, Befi-Lopes DM. Identificação precoce de atrasos e distúrbios de linguagem: contribuições da atuação fonoaudiológica. *Rev CEFAC*. 2014;16(1):251–60. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/zKzjZCR9zhZkqSy5fqJGJxD>. Acesso em: 08 abr. 2025.
10. Balestro JI, Fernandes FDM. Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2012;17(2):201–8. doi:10.1590/S1516-80342012000200015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/YdR3N5GbKxW8Kk6vDtpzWzF>. Acesso em: 02 abr. 2025.
11. Guckert SB, Oliveira AM de, Belaunde AMA. A sobrecarga do cuidado da criança com transtorno do espectro autista e a relação com os determinantes sociais da saúde na visão dos cuidadores. *Distúrbios da Comunicação*. 2024;36(4):e68308. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/68308>.
12. NOGUEIRA M. A importância do brincar no desenvolvimento da linguagem infantil. *Rev Bras Educ*. 2008;13(38):5-17.

13. Lamônica DAC, Panhoca I. Comunicação e interação na primeira infância: percepção dos cuidadores. *Rev. CEFAC*. 2012;14(1):76–85.
14. Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. Desenvolvimento da linguagem: aspectos gerais. São Paulo: Artes Médicas; 2004.
15. Oliveira LM, Silva TA, Pimenta LM. Desafios da comunicação familiar no cuidado a crianças com necessidades especiais. *Rev Bras Terap Integr*. 2017;12(3):45-56. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/51685>.
16. Seabra AG, Lamônica DAC, Spinillo AG. Intervenções parentais no desenvolvimento infantil: evidências e desafios para a prática baseada em evidências. *Rev. Bras. Educ. Espec*. 2018;24(3):371–386.
17. Oliveira LD, Dessen MA. Educação parental e os vínculos pais-filhos: implicações para o desenvolvimento socioemocional infantil. *Psicol. Estud*. 2017;22(2):177–187.
18. Goulart BNG, Chiari BM. Comunicação humana e saúde da criança: reflexão sobre possibilidades de atuação fonoaudiológica. *Rev CEFAC*. 2007;9(1):108–114.
19. Carvalho ALS, Limongi SCO, Giacheti CM. Parentalidade positiva e linguagem infantil: contribuições de um programa de orientação familiar. *Rev CEFAC*. 2019;21(3):e13918. doi:10.1590/1982-0216/201921313918.
20. Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO, organizadores. *Tratado de Fonoaudiologia*. 2. ed. São Paulo: Roca; 2015.